DOMINGO, 30 JUNHO 2024. ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE DA EDIÇÃO ONLINE N.º16.490



Agarra que é invasor!

Algo está mal quando a finta de que todos falam não foi feita por um jogador, mas sim por um adepto a um segurança. As invasões de campo são um dos temas fortes do Euro e reacendem dúvidas sobre a segurança no futebol

VASCO BORGES

R Todo o Mundo viu e ninguém ficou indiferente. Cristiano Ronaldo é um fenómeno que ultrapassa em larga margem o que faz dentro das quatro linhas e mais do que um 'mero' futebolista. Todos, desde colegas de profissão a adeptos, querem ter o seu momento com aquele que é por muitos considerado o melhor futebolista de sempre. Seja para pedir uma camisola – como o georgiano Kvaratshkelia se apressou a fazer no final da vitória (2-0) sobre Portugal, antes de se juntar aos companheiros para celebrar um feito histórico para o país – seja para um autógrafo ou para a famosa 'selfie'. Ronaldo nunca escapa e, normalmente, até se preocupa em aceder aos pedidos dos confessos fãs.
Mas, por vezes, há limites que são ultrapassados. Tem sido assim neste Europeu, com epicentro na partida com a Turquia, em Dortmund, em que quatro invasões de campo forçaram quatro interrupções do jogo. O primeiro momento, protagonizado por uma criança de turca de 10 anos que enganou o pai para correr até ao seu ídolo, foi encarado com carinho. O rapaz lá conseguiu a sua fotografia. Mas à medida que mais pessoas, todas já adultas, quiseram repetir a façanha a paciência de todos - até dos outros adeptos - começou a esgotar-se. Mais grave: ficou claro que o plano de segurança montado para a partida tinha falhado com estrondo. Gonçalo Ramos acabou por ser vítima indireta, quando um 'steward' o derrubou na tentativa de travar um dos invasores que irrompeu pelo relvado depois do jogo. O avançado do PSG ainda se levantou a mancar, mas felizmente, e apenas por obra do acaso, não saiu com uma lesão que colocasse em perigo a sua participação na prova e quem sabe até no início da época. A UEFA prometeu endurecer as medidas, mas nem isso impediu um homem de saltar o fosso da Veltins Arena, em Gelsenkirchen, literalmente para cima de Cristiano Ronaldo depois do jogo com a Geórgia. Por uma questão de centímetros, e graças à rápida intervenção de um dos seguranças que escoltava o jogador, evitou-se o que poderia ter sido uma tragédia.
Mas afinal, como é que estas situações ocorrem numa prova em que tudo, e sobretudo a segurança, é planeada ao detalhe? E se um dia, ao invés de uma fotografia, um dos invasores entra em campo com intuito de agredir. Continuará o futebol, apesar de décadas de investimento e evolução, a ser um desporto perigoso de jogar... e de se assistir?

→

INSEGURANÇA NO FUTEBOL

A brincar com o fogo

As preocupações com a segurança nunca foram tão grandes, mas continua a ser muito difícil travar fenómenos como as invasões de campo. O futebol ainda incita a comportamentos de risco



ÍDOLO. Cristiano Ronaldo é admirado em todo Mundo, e é um dos mais solicitados pelos intrusos

VASCO BORGES

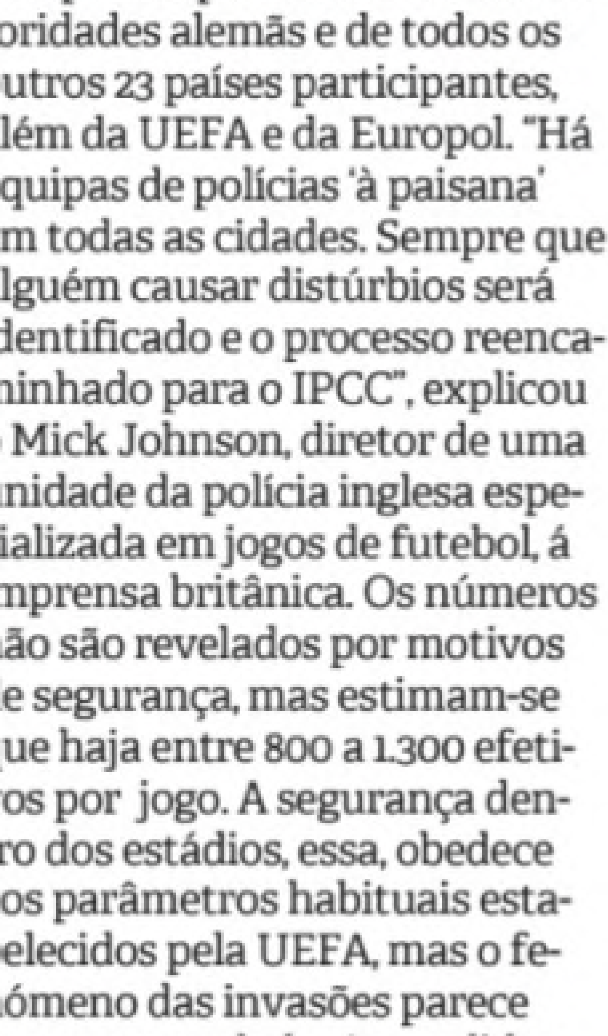
Os tempos em que os estádios estavam amplamente sobrelotados, com os adeptos a amontoar-se nas bancadas sem qualquer tipo de fiscalização possível, ou em que bastava esticar um braço para estar dentro do terreno de jogo, há muito ficaram para trás. Mas incidentes como os que se viram neste Europeu têm feito a sociedade questionar. Será que, apesar de todas os planos e medidas de segurança, o futebol continua a ser um desporto pouco seguro?

UM ESTUDO DA UNIVERSIDADE DE MUNIQUE REVELA QUE O NÚMERO DE OCORRÊNCIAS AUMENTA 58% EM DIAS DE JOGO

As invasões de relvado no jogo entre Portugal e Turquia foram um problema inesperado num torneio em que as medidas de segurança são resultado de uma evolução de décadas e seriam, à partida, intransponíveis. Antes do pontapé inicial da prova, a ministra do Interior da Alemanha Nancy Faeser garantia que o país estava preparado, mas deixava a ressalva. "É uma prioridade de para nós, mas o conceito de algo de ser '100% seguro' é puramente abstrato". É também isso que defende um estudo conduzido por três investigadores da Universidade de Munique sobre o impacto dos jogos de futebol nos números de ocorrências registados pelas autoridades. Analisando 4.461 jogos das três principais ligas alemãs durante cinco anos, o estudo revelou uma realidade assustadora: o número de ocorrências relacionadas com violência aumenta em média 58% em dias de jogo. Anualmente, registam ainda, são gastos na Alemanha 58 M€ só em despesas relacionadas com este tipo de violência. Uma das explicações apontadas tanto pelos investigadores como pela a ministra do Interior alemã é, na verdade, muito simples: poucas coisas movem tanta gente quanto um jogo futebol. A outra é que toda a emoção e lealdade dos adeptos e a idolatração dos futebolistas tem o lado apaixonante que todos conhecemos, mas também promove comportamentos de risco. No espaço de um mês, a Alemanha recebe 51 jogos - entre dois a quatro por dia, durante a maior parte do torneio. Estima-se que cerca de 2,7 milhões de pessoas assistam às partidas ao vivo... e que um total de 12 milhões se desloque ao país por causa do Europeu. O estudo da Universidade Munique estima que por cada 10 mil pessoas a mais, a percentagem de crime aumenta em 4%. Ou seja, quanto mais pessoas, maior a probalidade de incidentes.

Preocupações fora do estádio

Talvez por isso, a polícia alemã tenha dado prioridade às operações fora do chamado perímetro de segurança do estádio. O 'hooliganismo' nas cidades-sede da prova e ameaça terrorista foram temas levados muito a sério. Foi criado o Centro Internacional de Cooperação de Policial (CICP), onde durante o Euro estão a trabalhar cerca de 600 pessoas, compostas por membros das autoridades alemãs e de todos os outros 23 países participantes, além da UEFA e da Europol. "Há equipas de polícias 'à paisana' em todas as cidades. Sempre que alguém causar distúrbios será identificado e o processo reencaminhado para o IPCC", explicou o Mick Johnson, diretor de uma unidade da polícia inglesa especializada em jogos de futebol, à imprensa britânica. Os números não são revelados por motivos de segurança, mas estimam-se que haja entre 800 a 1.300 efetivos por jogo. A segurança dentro dos estádios, essa, obedece aos parâmetros habituais estabelecidos pela UEFA, mas o fenómeno das invasões parece pouco acautelado. As medidas foram entretanto reforçadas.



Os mal-intencionados

Apesar das falhas de segurança, os indivíduos que saltaram para o relvado em busca de Cristiano Ronaldo fizeram-no com boa intenção. Mas nem sempre é assim e já foram sendo registados casos graves nos últimos anos. O mais recente em plena Liga Europa, quando um adepto do PSV tentou agredir Dmitrovic, guardião do Sevilha, na grande área. O homem já tinha antecedentes de violência e estava alcoolizado. Ainda assim, conseguiu contornar a segurança e foi o próprio guarda-redes sérvio a imobilizá-lo. A justiça não perdoou, condenando-o a dois meses de prisão efetiva e dois anos em liberdade de condicional. O inglês Jack Grealish nada conseguiu fazer para evitar a agressão de um invasor de campo quando representava o Aston Villa, em 2019. Aconteceu num dérbi com o Birmingham, quando um adepto do clube rival lhe disferiu um soco pelas costas. Em tribunal, o homem alegou ter saltado para o relvado "para entreter os adpetos" e que não sabia o que lhe passou pela cabeça. Já em 2011, Esteban Alvarado foi agredido durante um jogo do AZ Alkmaar e respondeu da mesma moeda. Foi expulso, mas viu a federação retirar-lhe o vermelho por considerar que agiu em legítima defesa.



O QUE PREVÊ A UEFA SOBRE INVASÕES DO RELVADO

OS DEVERES DOS ORGANIZADORES DO JOGO

- Garantir que jogadores e equipas de arbitragem estão protegidos contra invasões da área de jogo
- Garantir que os adeptos não abandonam o setor do estádio para qual estão alocados
- Garantir que as medidas de segurança não representam um obstáculo em caso de emergência
- Garantir que as medidas de segurança são articuladas com as autoridades locais
- Implementar uma sala de controlo, com acesso a sistema sonoro e de videovigilância
- Garantir que imagens de invasões não são mostradas nos ecrãs do estádio

AS MEDIDAS QUE PODEM SER IMPLEMENTADAS

- Presença de segurança no limite da área de jogo *
- Implementação de barreiras intransponíveis, provisórias ou permanentes
- Elevação da bancada de forma que a invasão seja impossível ou improvável
- Construção um fosso entra a bancada e a área de jogo

*obrigatório

OS CASTIGOS EM CASO DE INVASÃO

- Identificação do adepto invasor
- Expulsão do estádio
- Possível coima e abertura de uma queixa criminal que pode resultar na interdição de recintos desportivos
- Possível coima ou interdição de bancadas para o clube/entidade organizadora

Tragédias fizeram os ingleses agir

VASCO BORGES

O futebol inglês foi em tempos terreno fértil para fenómenos de violência promovidos por adeptos e palco de autênticas tragédias que acabaram por revolucionar a forma como se pensa a segurança dos estádios por todo o Mundo. Os episódios mais lamentáveis surgiram na década de 1980, altura em que o público estava entregue a si mesmo e o 'hooliganismo' prosperava. Ao ponto em que o fenómeno era descrito como 'english disease', em português, 'a doença inglesa'. Ir ao futebol era, por si só, uma atividade de risco. Assim ficou tragicamente demonstrado na final da Taça dos Campeões Europeus de 1985, entre Liverpool e Juventus, quando adeptos radicais dos reds investiram sob o setor onde estavam os italianos, gerando uma debandada que resultou em 39 mortos e cerca de 600 feridos. A tragédia de Heysel, então o nome do estádio em Bruxelas onde se jogava a final, valeu a suspensão de todos os clubes ingleses das provas da UEFA. Quatro anos mais tarde, no estádio de Hillsborough, em Sheffield, 97 adeptos do Liverpool morreram esmagados quando cerca de 5 mil pessoas tentavam entrar na bancada ao mesmo tempo.
Este desastre levou à abertura do Inquérito Taylor, nome do juiz que supervisionou o processo. O objetivo era apurar as causas do incidente e estabelecer medidas para impedir que se voltasse a repetir. Viria a mudar para sempre a segurança nos estádios ingleses e, gradualmente, por todo o Mundo. A medida mais visível – e ainda hoje fonte de discórdia – foi a eliminação do chamado 'peão'. Ou seja, os recintos passaram a ter cadeiras em todos os setores, reduzindo a capacidade e impedindo episódios, até então frequentes, de sobrelotação. Mas não se ficou por aí. A falta de organização policial, foi identificada como principal falha e foi determinado que os jogos passariam a ter segurança dedicada, em articulação com a polícia, como hoje vemos com os stewards. Eliminaram-se as redes, limitou-se a venda de álcool e... aumentou-se o preço dos bilhetes.


MEMORIAL. Adeptos do Liverpool não esquecem os desastres

Governo britânico cortou o mal pela raiz

Em 1989, o Governo britânico decidiu intervir para acabar com a violência nos estádios e aprovou um decreto dos espectadores de futebol, o qual visava a identificação e punição de todos os indivíduos que causavam distúrbios em desafios, incluindo nas imediações dos recintos. Em 2000 procedeu-se a um reforço dessa lei, depois de episódios de desacatos com adeptos ingleses no Euro. As autoridades passaram também a poder reter os passaportes dos envolvidos, banir indivíduos dos estádios e até impedir o acesso a transportes públicos em dia de jogo.

Incidente em Chaves

Por cá, a última época ficou marcada por um caso grave na receção do Chaves ao Estoril a contar para a Primeira Liga. Com os ânimos exaltados pela iminente derrota da equipa da casa e consequente agravar da situação na tabela – o clube viria mesmo a descer – uma troca de palavras entre a bancada e o guardião estorilista Marcelo Carné acabou por desencadear a invasão de campo de vários adeptos flavienses, causando grande aparato que, felizmente, terminou sem feridos. O guardião brasileiro e o defesa Pedro Álvaro, também identificado pela polícia, acabaram expulsos e seis adeptos detidos. O Sindicato dos Jogadores mostrou-se solidário e condenou uma "inaceitável invasão que comprometeu a segurança e a integridade física dos protagonistas", deixando ainda o alerta. "Esta situação não pode ser tolerada e demonstra os perigos a que os futebolistas estão sujeitos, independentemente do nível de risco que o jogo apresenta", lê-se no comunicado lançado no dia do incidente. Foi já na última semana que o Conselho de Disciplina da FPF deu o parecer sobre o incidente, resultando numa coima e em dois jogos à porta fechada para o Chaves e na arquivamento dos casos dos dois jogadores expulsos.

INVASORES TORNAM-SE FENÓNEMOS

Redes sociais encorajam proezas

A fotografia do pequeno Berat a ser recebido com um abraço de Cristiano Ronaldo tornou-se viral, ainda o jogo entre Portugal e Turquia não tinha terminado. Há uns anos, as invasões de campo eram prontamente mostradas nas transmissões para gáudio dos telespectadores, mas UEFA e FIFA proibiram-no para desencorajar a procura pelo 'cinco segundos de fama'. O mesmo acontece nos ecrãs gigantes dos estádios. Mas nada podem fazer contra o fenómeno das redes sociais que continuam a eternizar estes momentos e a fazer dos seus protagonistas autênticas estrelas. No dia seguinte ao jogo, Berat já explicava à imprensa alemã como conseguiu a proeza. "Disse ao meu pai que ia à casa de banho. Medo? Porquê? Foi tão bom, só ainda não consegui dormir", declarou ao 'Bild', enquanto que o pai, apanhado desprevenido, dizia com alívio que a "UEFA fez vista grossa porque era uma criança". Não será de espantar que mais pessoas tenham visto a selfie de Berat do que o jogo em si, mas se neste caso falamos apenas de uma criança a perseguir o seu ídolo, também há adultos a fazer o mesmo e com objetivos bem menos benignos. No Mundial'2018, na Rússia, um conhecido 'youtuber' ofereceu dinheiro a quem invadisse o campo a usar uma das camisolas que vendia como merchandise. Em 2019, durante a final de Liga dos Campeões, uma mulher saltou para o relvado, descobrindo-se depois que a proeza fazia parte de uma manobra de publicidade a um site de conteúdos para adultos. Também há quem o faça para defender causas, como a dupla pop russa Pussy Riot, no Mundial'2018, em defesa da liberdade ou o italiano Mario Ferri, no Qatar'2022, em defesa dos direitos da comunidade LGBT.



JOGADORES VIRAM ATORES

VIDA DUPLA

Do jogo bonito para a 7.ª arte

Lista de craques que cederam à atração pelo grande ecrã já vai longa. De Pelé a Hjulmand, há papéis para todos os gostos

PEDRO MORAIS

Pelé, Abel Xavier, Ian Wright, Vinnie Jones, David Beckham, Eugénio Salvador, Morten Hjulmand, Eric Cantona, Zico, Michael Owen, Zlatan Ibrahimovic, Zidane e Neymar. A questão impõe-se: o que terão em comum todos estes nomes? Sem pensar muito, a resposta é imediata e fácil, sobretudo para os amantes de desporto e, mais precisamente, de futebol.

LIGAÇÃO DE FUTEBOLISTAS À VIDA DA REPRESENTAÇÃO FAZ-SE COM NOMES COMO PELÉ, BECKHAM, IBRAHIMOVIC OU NEYMAR

Por esta altura, aliás, o leitor já terá percebido o que liga esta amálgama de vedetas. A cores ou a preto e branco, em direto ou em diferido, todos eles arrombaram as portas de casa de milhões de pessoas e entraram pela via da televisão. Sem dizerem uma palavra, deixaram os pés e a bola fazerem as apresentações.

Resumindo e concluindo, foi através do futebol que se lançaram para a ribalta e criaram carreiras em nome próprio. No entanto, a associação não se esgota no facto de terem praticado a mesma modalidade.

Recuemos umas linhas e retornemos à parte da televisão: e se lhe dissermos que estes craques por lá passaram não só como futebolistas, mas também como atores? Talvez até já os tenha visto, mas não se tenha apercebido de tão inesperada que foi a aparição.

Comecemos, então, pelo caso que veio a terreiro mais recentemente, que envolve um nome que está em voga a nível nacional e que tem feito as maravilhas dos adeptos do Sporting. Morten Hjulmand. Com apenas 25 anos, o médio tem brilhado dentro dos relvados, mas, em tempos idos, deu também uma 'perninha' numa série dinamarquesa, de seu nome 'Borgen', onde vestiu a pele de Mikkel Friis.

Uma rara participação que durou dois episódios, mas que lhe valeu, ainda assim, uma página no IMDB, uma das principais plataformas utilizadas para obter informações sobre filmes e séries.

A lista está cheia de exemplos como o de Hjulmand, de craques tiveram uma única experiência neste ramo, tenha esta sido com maior ou menor destaque do que a do dinamarquês. Ibrahimovic e Zidane tiveram direitos a papéis na saga Asterix&Obelix, enquanto Michael Owen se representou a si próprio na série 'De Herói a Nada'.

Outros há que alinharam em mais do que um projeto, ainda que sem fazer do cinema um plano de vida, como David Beckham - entrou em dois filmes de Guy Ritchie, com o mais famoso a ser 'Rei Artur: a lenda da espada' -, Ian Wright e Neymar, que teve como expoente máximo a participação em dois episódios relançados da série de sucesso mundial 'A Casa de Papel'.

HJULMAND, NA FOTO AO LADO, PARTICIPOU NA SÉRIE 'BORGEN'. MÉDIO TEVE PAPEL MENOR EM DOIS MEROS EPISÓDIOS

No entanto, há também um extenso histórico de ex-jogadores que cederam em definitivo à atração pelo grande ecrã e enve-

Hjulmand teve direito a página no site IMDB

Quem gosta de cinema ou é um aficionado por séries sabe que o IMDB é 'a' plataforma a ler quando se quer saber mais de atores, enredos ou até opiniões de outros internautas. A sigla significa 'Internet Movie Database' e não é exagero nenhum chamar - lhe base de dados. O arquivo do IMDB é de tal forma extenso que engloba perfis de figuras que apenas surgiram à frente das câmaras numa ocasião. Caso, por exemplo, de Morten Hjulmand. Na página que lhe é destinada no site não há muitas informações, mas há pelo menos o básico. Morten Blom Due Hjulmand, nascido a 25 de junho de 1999, está na base de dados pelo facto de ter figurado em dois episódios da série dinamarquesa 'Borgen', sendo em ambos uma personagem secundária. Na pele de Mikkel Friis, o agora jogador de futebol não teve grande protagonismo, mas isso não o impediu de constar da maior plataforma online para este efeito. Resta agora perceber se, assim que pendurar as botas, Morten Hjulmand terá a tentação de acrescentar mais factos à biografia.

redaram por uma carreira que, inicialmente, não estava no guião.
Vinnie Jones será, porventura, o que mais projetos abraçou nesta área. O antigo jogador de Wimbledon, Leeds United, Sheffield United, Chelsea e Queen's Park Rangers já fez parte de mais de 100 trabalhos, entre filmes e séries, entrando, maioritariamente, em histórias de ação.
Outro exemplo bem sucedido é o de Eric Cantona, excêntrico jogador francês que fez parte de séries como Ted Lasso ou de filmes como 'À Procura de Eric', em ambos na pele do próprio, além de outros em que desempenhou outros papéis.
Por fim, há que destacar também Pelé. Reconhecido como um dos melhores jogadores da história, o astro brasileiro era um homem de múltiplos talentos e também se aventurou na representação.

VINNIE JONES EXPLICA O INÍCIO

"Michael Caine veio dizer-me que podia fazer carreira nisto"

De todos os casos de jogadores de futebol que decidiram enveredar por uma carreira na representação, Vinnie Jones será, talvez, o mais aclamado de todos. Inicialmente conhecido pela dureza com que atuava nos relvados ingleses, o ex-futebolista e atual ator é agora uma cara indissociável de variados filmes que conquistaram o grande público. Uma possibilidade que, de acordo com o próprio, não estava propriamente nas previsões.
"Entrei nesta vida de ator num acidente completamente aleatório", assumiu o inglês, de 59 anos, em declarações à revista 'The Big Issue'.
"Guy Ritchie e o produtor Matthew Vaughn vieram ter comigo e ofereceram-me um papel no filme 'Lock, Stock and Two Smoking Barrels', de 1998. Eu disse que não havia problema e filmei durante uns dias. No final, o Guy Ritchie veio perguntar-me se podíamos regravar algumas coisas e deram-me um papel maior", apontou.
Sem imaginar que podia ter nas mãos uma nova carreira, Vinnie Jones contou com o precioso empurrão de Michael Caine, ator de elevado renome que entrou em filmes como 'A Origem', 'Mestres da Ilusão, 'Interstellar' e na saga Batman.
"Depois de gravar o filme Lock, Stock and Two Smoking Barrels, o Bob Hoskins e o Michael Caine

> "ENTREI NESTA VIDA DE ATOR NUM ACIDENTE ALEATÓRIO", CONTA O ANTIGO JOGADOR QUE PASSOU PELO CHELSEA

vieram dizer-me que achavam que eu tinha tudo para fazer carreira na área. Disseram que eu tinha uma presença no ecrã avassaladora. No segundo em que aparecia tomava conta da situação. 'No minuto em que entras, centras atenções, não importa quem está contigo'", referiu, citado pelo 'Belfast Telegraph', num artigo de 2020



SUCESSO. Vinnie Jones no seu primeiro papel

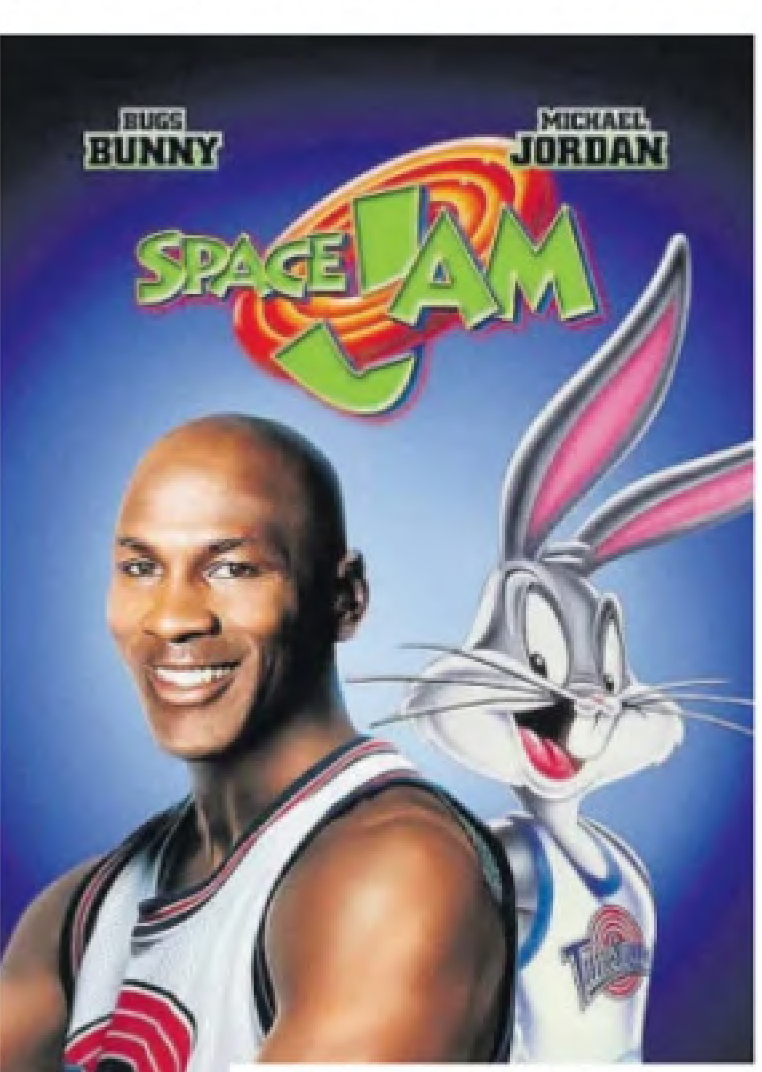
HISTÓRIAS DO DESPORTO-REI

Futebol como objeto

O futebol é um desporto de massas praticado em todo o Mundo, em muitos países detém até o estatuto de rei. Por conseguinte, tornou-se no objeto principal de uma extensa lista de séries ou filmes, que contam histórias verídicas ou ficcionais sobre momentos dourados ou figuras incontornáveis da modalidade.
'Golo', 'Rebeldes de Bairro', 'Pelé: O Nascimento de uma Lenda', 'Maldito United', 'Fuga para a Vitória', 'Jogo Bonito', 'À Procura de Eric' ou 'O Jogo Inglês' são alguns dos exemplos principais em que o futebol surge como o ponto central. Alguns destes projetos, diga-se, encheram as medidas de milhares de fãs e ganharam um lugar na história.

Tiros de Statham e voos de Jordan

O desporto e a representação caminham de mãos dadas, ou não fosse o primeiro o objeto de muitas obras primas que já passaram pelo grande ecrã. Por conseguinte, a estreita relação entre estas duas artes não é exclusiva ao futebol. Há, aliás, vários exemplos do contrário, que vão desde o basquetebol à natação, passando pelo futebol americano e pelas modalidades de combate.
Comecemos por um nome incontornável da história do desporto, aquele que é para muitos o melhor basquetebolista de sempre. Falamos, claro, de Michael Jordan, o seis vezes campeão da NBA e estrela maior do icónico filme 'Space Jam'. Jordan participou também em programas televisivos e no documentário "The Last Dance", que retrata a sua carreira e a dinastia dos Chicago Bulls na década de 1990.
Outro caso de sucesso é o de Jason Statham. Conhecido pelos papéis que desempenha em longas-metragens de ação, como, por exemplo, 'O Correio de Risco', o ator tem uma faceta talvez menos conhecida, a de ter sido mergulhador da equipa nacional inglesa.
A esta lista juntam-se Terry Crews, ex-jogador de futebol americano que participou em Deadpool 2, Os Mercenários e Brooklyn Nine-Nine, o de Randy Coutore, cinco vezes campeão da UFC e participante nos filmes Rei Escorpião 2 e Os Mercenários, ou até o de Arnold Schwarzenegger, um dos mais famosos culturistas do Mundo.
A carreira do Mister Universo no cinema remonta a 1969, mas catapultou-se, sobretudo, com a participação em 'O Exterminador'. 'I'll be back [Eu voltarei]' é provavelmente a frase mais mítica de Schwarzenegger.
Mais: Bud Spencer – nome de tela de Carlo Pedersoli - antes de se celebrizar ao lado de Terence Hill em filmes como muito riso e chapada foi nadador olímpico, tal como o norte-americano Johnny Weissmuller, um dos atores que deu corpo a Tarzan.



Michael Jordan e Bugs Bunny

DEPOIS DO FUTEBOL

Carreiras alternativas

Não é só pelo ramo do cinema ou da representação num sentido mais amplo que muitos futebolistas chegam aos ecrãs de casa. Pelo contrário. Do comentário ao entretenimento, passando pelos reality shows, há um sem número de vias. A nível nacional, o caso de sucesso mais flagrante será, provavelmente, o de Cândido Costa. Contador de histórias por excelência, o antigo jogador ganhou palco na televisão e tem abrilhantado os serões de milhões de portugueses, seja através do Canal 11, seja através do 'Taskmaster', da RTP.
O raio de ação dos ex-futebolistas estende-se também à área da opinião, com um número considerável de antigos craques a participarem em programas de análise um pouco por toda a grelha de informação, e à vertente dos reality shows. Quem não se recorda de ver Jardel num dos 'Big Brother Famosos' há uns anos? Planos para todos os gostos...

A HEROÍNA DOS MARES

A mulher com água salgada nas veias

BRISA HENNESSY

Surfista de 24 anos superou um tumor no cérebro e já aponta ao ouro olímpico

FILIPE ALEXANDRE DIAS



A história de superação de Brisa Hennessy é tão incrível que só lhe falta caminhar sobre as águas. A surfista costa-riquenha de 24 anos vai desafiando as ondas enquanto aponta à medalha de ouro nos Jogos Olímpicos deste ano depois de ter terminado em 5.º posto em Tóquio, há quatro anos. Mas antes de Paris, Brisa enfrentou um verdadeiro tsunami ao nível da saúde. Como grande campeã que é, a atual n.º 3 do ranking Women's Surf League, saiu por cima, mas enfrentou – e continua a enfrentar – várias batalhas num inspirador exemplo de vida.

A ATLETA COMBATE AINDA A BULIMIA, A DISMORFIA CORPORAL E É UM INSPIRADOR EXEMPLO DE VIDA

"Eu tenho água salgada nas veias", confessou Brisa em longa entrevista ao 'Telegraph'. É assim que a atleta se apresenta quase sempre, ou não fosse uma verdadeira filha das águas. A costa-riquenha nasceu na Península de Osa, onde os pais geriam uma escola de surf. Predestinada, Brisa (o nome diz tudo...) cresceu praticamente em cima de uma prancha. Aos 3 anos surfou a primeira onda e a vida nómada dos pais levou-a a não ter raízes em parte alguma até hoje, fruto também das exigências do circuito em que compete, muito embora continue a ter Fiji como base.

Aos 18 anos, Brisa qualificou-se para o World Surf League Championship Tour e passou a vencer etapas atrás de etapas, até tornar-se surfista de topo mundial. Mas o caminho até aqui tem-se revelado pedregoso para a surfista, que se viu perante provações imensas para uma jovem atleta. Um dos primeiros problemas de Brisa relacionou-se com a bulimia, desordem de natureza alimentar que causa danos psicológicos severos e mal-estar físico. Até que surgiu outro inimigo da costa-riquenha enquanto esta procurava um lugar de destaque no plano mundial do surf: a dismorfia corporal, uma condição que leva a que a pessoa tenha uma imagem da sua própria imagem negativa e desfasada da realidade, o que tem influência direta na auto-estima. "Como mulher, esta é para mim uma batalha diária", confessou Brisa, que, contudo, ainda tinha um obstáculo maior pela frente.

A maior dor

Numa manhã como qualquer outra, Brisa acordou com sensações estranhas: a memória tornou-se-lhe nubelosa, sentiu fadiga aguda, cansaço muscular e surgiram-lhe várias inflamações. Exames subsequentes detetaram-lhe um tumor cerebral que, embora benigno, lhe provocava alterações psicológicas. A costa-riquenha recusou uma operação, pousou a prancha e submeteu-se a tratamento para diminuir o tumor.

Embora bem-sucedida, a terapia quase roubou a Brisa o amor ao mar e ao surf, o qual só lhe voltou aos poucos. Foi reencontrando a paz no mar, a fazer o que melhor sabe e voltou revigorada à competição, onde não tem parado de crescer. Além dos sonhos dourados nos Jogos Olímpicos, em setembro Brisa irá competir nas World Tour Finals, na Califórnia.

Enquanto isso, Brisa Hennessy conta a sua história de superação. Ela respira... e inspira.





DESAFIO NO TAHITI. À medida que foi recuperando dos tratamentos ao tumor, Brisa voltou a apaixonar-se pelo surf e a treinar com intensidade no paraíso do Tahiti. Já neste ano, foi ali que Brisa mostrou todo o seu talento, ao terminar em segundo no Tahiti Pro, segunda etapa do 2024 World Tour, batendo a campeão olímpica Carissa Moore

Lesão traiu-a em Portugal

Como país abençoado pelo mar e pelo surf, Portugal tinha de estar no mapa desportivo e sentimental de Brisa Hennessy, mas com uma mistura de sentimentos. Se em 2022 foi nas águas de Supertubos que a atleta da Costa Rica conseguiu costarriquenha surfar pela primeira vez com a licra amarela – símbolo da liderança do ranking mundial –, em março passado Brisa chegou com tudo para competir em Peniche. À altura, a 4.ª posicionada no ranking, a surfista viu-se a braços com o infortúnio e teve de abandonar a prova devido a lesão aparatosa: perfurou o tímpano esquerdo na bateria que disputou na ronda inaugural e já não surfou na ronda de repescagem.

"Não é como queria começar em Portugal, mas a vida às vezes é assim. Agora vou ter de descansar um pouco", confessou à altura Brisa Hennessy na sua conta oficial de Instagram. Mas a surfista-coragem decerto voltará. Uma e outra vez. Assim como sempre tem feito além-mar, perante cada adversidade.

MOTORES

VW GOLF



Cinquentão para as curvas

Modelo entra no 50º aniversário com novidades na 8ª geração, do híbrido 'plug-in'

PAULO RENATO SOARES

Modelo crucial para a Volkswagen, o Golf está a festejar o 50º aniversário e o construtor germânico não deixou passar em claro uma data que também é significativa para a própria indústria automóvel. Atualmente na oitava geração, o compacto do segmento C foi alvo de atualização estética e ganhou versões melhoradas do híbrido 'plug-in'.

A história do Golf é, sem margem para dúvidas, uma história de sucesso que o tornou no automóvel da VW mais vendido de sempre. Ao longo deste meio século foram produzidas mais de 37 milhões de unidades que estabeleceram igualmente tendências. No 'design', na tecnologia, nas motorizações.

As mexidas que acompanham este 'facelift' nascido em jeito de comemoração incluem nova assinatura luminosa em LED; logo iluminado (estreia no mercado europeu) na dianteira e novas óticas na secção traseira. A estes detalhes vêm juntar-se mais sistemas de assistência à condução ('park assist







plus'), novo sistema de 'infotainment' controlado a partir de ecrã tátil de 12,9" e novos materiais no interior.

Particularmente abrangente, a lista de motorizações disponíveis não dispensa o Diesel, com potências de 115 cv ou 150 cv, ambas retiradas do bloco 2.0 TDi, mas o enfoque vai para as propostas a gasolina e para as versões híbridas 'plug-in'. Estas foram atualizadas e têm agora maior autonomia em modo 100 por cento elétrico.

A VW utiliza agora novo motor a gasolina 1.5 TSI 'evo' e a aliança com motor elétrico, nova bateria de 19,7 kWh de capacidade e caixa automática DSG de 6 velocidades resulta num sistema que pode chegar aos 140 km de autonomia em modo elétrico. O carregamento pode fazer-se em postos até aos 40 kW de débito e há duas potências disponíveis: 204 cv no eHybrid e 272 cv na versão mais desportiva GTE.

A marca manteve sem surpresa as configurações '5 portas' e carrinha e fixou leque de preços que têm atenção a

uma concorrência onde 'habitam', por exemplo, Peugeot 308, BMW Série 1 , Mercedes Classe A, Opel Astra ou Ford Focus.

SOB O SIGNO DO 'R' E COM 333 CV

O mais potente da marca

O alinhamento do VW soma 10 versões distintas, com preços a começar nos 28.620 euros (1.5 TSi a gasolina com 115 cv), mas a estrela é o novo Golf R, que chega com o selo de modelo mais potente da marca alemã.

O Golf R tem estética apurada face ao antecessor e o bloco 2.0 TSI debita agora 333 cv de potência e 420 Nm de binário. Servido por caixa automática DSG de 7 velocidades, tem tração inte-



gral '4Motion'; 7 perfis distintos de condução e as 'performances' anunciadas apontam aos 270 km/h de velocidade máxima. O preço para o nosso país está fixado nos 62.140 euros.



ELÉTRICO COM 355 KM DE AUTONOMIA

Hyundai avança com o Inster

A Hyundai prepara o lançamento de modelo 100 por cento elétrico de aptidões urbanas. Chama-se Inster, começa a carreira na Coreia já este Verão e avança depois para território europeu.

O Inster tem configuração SUV e dimensões adequadas ao trânsito urbano. Com 3,825 metros de comprimento, fica entre os subcompactos do segmento A e os 'utilitários' do segmento B. A marca destaca o espaço interior (para cinco pessoas), a capacidade da bagageira (280 litros) e a eficácia do sistema elétrico.

O novo modelo usa bateria de 42 kWh - há versão 'Long Range com bateria de 49 kWh -, tem potências de 97 cv ou 115 cv e a autonomia está fixada entre os 300 e os 355 quilómetros. A lista do equipamento de segurança e auxílio à condução (ADAS) é bastante completa e soma cerca de uma vintena de sistemas - a maior parte deles incluída de série.

ANTES QUE SEJA 2.ª FEIRA



Filipe Alexandre Dias
Editor executivo

Os eternos párias: a queda do futebol russo

A data era 4 de novembro de 1971. O Spartak de Moscovo apresentava-se no Estádio do Bonfim para enfrentar o V. Setúbal. Jogo da Taça UEFA! 40 mil pessoas acotovelavam-se no recinto dos sadinos para ver jogar uma equipa da URSS - era a primeira vez que uma formação portuguesa enfrentava um esquadrão soviético a nível oficial. A estranheza era tão tremenda quanto indisfarçável. O Ocidente vivia afastado da realidade para lá do Bloco de Leste e, no Portugal acanhado de então, muitos ainda acreditavam no grotesco do quase provérbio: "Comunistas comem criancinhas." O que aconteceu nessa noite foi que o Vitória 'comeu' (4-0) o Spartak, que não teve direito, antes do jogo, a que fosse tocado o hino do seu país – soou a 'Internacional' no seu lugar. Mas hoje como então, o futebol que restou ao Spartak – o russo –, continua a ser pária. Quer a nível interno quer a nível externo.

Na primeira década deste século, uma nova era desenhava-se no futebol da Rússia. Equipas robustas e movidas pelo dinheiro dos magnatas nascidos da fragmentação da União Soviética mostravam os dentes no panorama europeu. Além do êxodo de jogadores de elevado calibre para a liga russa, o CSKA de Moscovo (com Alvalade em choque na final da Taça UEFA de 2014/05) e o Zenit de São Petersburgo (na Liga Europa de 2008), conquistaram os troféus e mostraram ao mundo que havia esperança para lá do que o Dínamo de Kiev (agora ucraniano) e Dínamo Tiblissi (hoje georgiano) haviam feito de heróico nas competições europeias nos anos 1970/80.

Quando Dick Advocaat, técnico do Zenit, se sentava na conferência de imprensa logo após essa final ganha ao Glasgow Rangers, em Manchester, viu o seu telemóvel tocar. Fitou o visor e, pedindo escusas aos jornalistas, atendeu e retirou-se. Tinha de atender: era ninguém menos do que Vladimir Putin.

Apesar de ter nascido na antiga cidade imperial russa, Putin não gosta de futebol, mas jamais desvalorizou o impacto social do jogo bonito. Ainda assim, a deriva neo-imperialista do presidente da Rússia – com a anexação da Crimeia primeiro e a invasão da Ucrânia depois – devolveu o futebol russo ao lodo.

Novamente pária, o desporto-rei russo tornou a degradar-se. Além de banidos de competir nas provas europeias, as equipas perderam capacidade de atrair talento estrangeiro e a média de assistências tem vindo a cair a pique. Isto depois da Rússia ter albergado a Taça das Confederações em 2017 e o Mundial no ano seguinte.

O Ocidente voltou a virar costas a um país que insiste na opacidade da sua sociedade e os atletas pagam a fatura. E não há talento russo - que sempre houve - nem milhões da Gazprom - que passaram a haver –, que salve o futebol russo de si mesmo e dos desmandos de um ex-KGB.

O LADO PSICOLÓGICO

Gaspar Ferreira
Ordem dos Psicólogos Portugueses

Respeito dentro e fora do campo

Dentro e fora do campo, Cristiano Ronaldo não deixa de ser notícia. A euforia dos adeptos com a presença do astro no Euro'2024 tem sido evidente, mas ocorreram vários incidentes que puseram em perigo a segurança do jogador e mesmo a dos seus colegas de equipa.

A mediatização destas notícias, a par da obsessão pela permanente documentação de experiências para as redes sociais, pode levar as pessoas a comportamentos extremos para obter uma selfie com uma celebridade.

E aquilo que parece ser um comportamento de procura de atenção e validação, paradoxalmente, tende a traduzir-se a seguir, no que se designou como 'phubbing', que consiste na atividade de ignorar outras pessoas em situações sociais através da utilização de tecnologias. O prazer imediato que obtemos nas interações virtuais parece prevalecer sobre as interações reais, e esta atomização pode ser entendida como um ato de incivilidade. O assédio a figuras públicas e o 'phubbing' podem ser vistos como manifestações de um mesmo fenómeno: a transformação das interações humanas pela tecnologia, que, se mal gerida, pode levar a comportamentos desrespeitosos.

O PRAZER IMEDIATO NAS INTERAÇÕES VIRTUAIS PARECE PREVALECER SOBRE AS REAIS

Mas a semana também foi marcada pelas sentidas homenagens públicas de despedida a Manuel Fernandes como jogador e como pessoa. É possível demonstrar afeto e reconhecimento com respeito dentro e fora de campo. A tecnologia e as redes sociais podem ser usadas como veículos de cidadania e devem ser espaços seguros e saudáveis. *

A PROPÓSITO DE NADA

Loucura e libertação



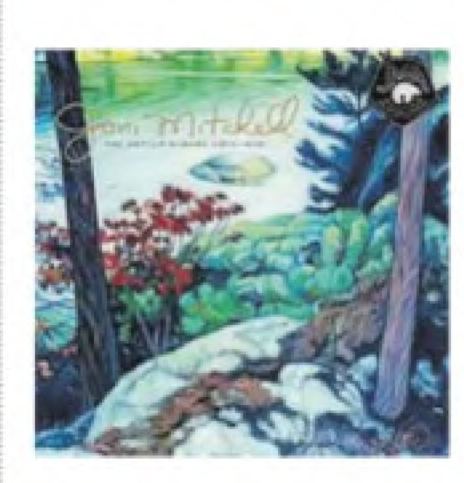
A trama situa-se em Copenhaga e o ano é 1968. Lise, uma escritora de livros infantis e mãe de três filhos, casada, vê a sua vida quotidiana a esvair-se. É cada vez mais assombrada por rostos e vozes sem corpo. Além disso, está convencida de que o seu marido, extravagantemente infiel, a vai deixar enquanto se afoga em comprimidos e fica entre a loucura e a libertação. Tove Ditlevsen (1947-1976), a aclamada escritora dinamarquesa inspirou-se no seu quarto casamento, antes de ela própria se entregar ao final da vida.

Mistérios à irlandesa



Gilbert, Dove e Emmy são um trio de podcasters dedicados ao estilo 'true crime'. Decidem eles próprios investigar os contornos de um desaparecimento no interior da Irlanda. Deslocam-se a uma povoação idílica e aparentemente pacata e é ali, enquanto falam com os locais, que se dão conta de um mistério bem maior e mais intrigante do que inicialmente supunham. Uma série diferente da Netflix que envolve e nos dá um lado desconhecido da beleza profunda mas inquietante da ilha esmeralda.

Olá de novo, Joni



Joni Mitchell é única. A cantora, compositora e pintora tem uma obra que cruza décadas e casa estilos com elegância. Mas poucos momentos da carreira da canadiana terão sido mais profícuos e intrigantes do que a sua fase na segunda metade da década de 1970, quando assinou contrato com a Asylum. Os discos desse período estão reunidos no 'Asylum Years - 1976-1980' e correspondem a uma libertação: Joni rasgou o rótulo de 'folkie' e aventurou-se pelo jazz. De forma sublime e cativante. De 'Hejira' a 'Shadows and Light'.